

Onomástica e livro didático: encontro e desencontro na Educação Básica

Onomastics and textbooks: matches and mismatches in Basic Education

Robson Santos Silva
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9007-9581>
mistersilva.mister@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem por finalidade apresentar como a noção de substantivo próprio está sendo apresentada nos livros didáticos que estão em circulação em 2022, nas escolas públicas do país. Por meio da análise dos capítulos das coleções aprovadas e apresentadas às escolas no PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) do Ensino Fundamental II 2019, nas quais esses conceitos são abordados, pretende-se demonstrar de que maneira a noção de nome comum à Onomástica – enquanto estudo dos nomes próprios - pode agregar novos conhecimentos sobre a língua portuguesa para alunos e professores da rede pública de todo o país quando atrelada a um estudo com enfoque pragmático, ampliando a simples categorização de palavras.

Palavras-chave: substantivo próprio; nome próprio; livro didático; Onomástica.

Abstract: This article aims to present how the notion of proper noun is being presented in textbooks that are in circulation in 2022, in public schools in the country. Through the analysis of the chapters of the approved collections and presented to schools in the PNLD (National Textbook Program) of Elementary Education of 2019, in which these concepts are addressed, it is intended to demonstrate how the notion of common name in Onomastics - as a study of proper names - can add new knowledge about the Portuguese language for students and teachers of the public network across the country when linked to a study with a pragmatic focus, expanding the simple categorization of words.

Keywords: proper noun; proper name; textbooks; Onomastics.

1. Considerações iniciais: nomeando as coisas do mundo

Entre todas as capacidades humanas com a linguagem, a habilidade de fazer uso das palavras para nomear as coisas do mundo é a mais comum e rotineira. Tão importante é esta atividade humana que a gramática reserva, entre as classes de palavras, um lugar para o substantivo, categoria de palavras que serve a este propósito. Contudo, a ação de nomear as coisas que existem no mundo não cabe em uma classe de palavras.

Para Amaral e Seide (2020):

[...] o nome próprio, de pessoa ou de lugar, registra e perpetua crenças, valores, procedências de grupos sociais e, por extensão, da sociedade em diferentes momentos de sua história com suas ideologias, devoções, motivações e também seus modismos e valores (AMARAL & SEIDE, 2020:10).

Partimos, portanto, nesse artigo parte deste ponto: acredita-se que há bastante tempo a terminologia gramatical de substantivo já não tem servido ao propósito de conceituar essa função tão primordial da linguagem. Somos seres que, entre as diversas espécies existentes no mundo, temos a capacidade de apreender o mundo ao nosso redor por meio da linguagem.

Nessa tarefa, fazemos uso dela para diversos fins, entre os quais nomear tudo que existe no mundo. Dessa forma, não é nosso propósito contradizer a tradição gramatical, mas afirmar que ela sozinha não é capaz de descrever, nem de levar estudantes entender a importância desse fenômeno linguístico. Mais que isso, o objetivo deste artigo é demonstrar como a Onomástica, enquanto área do conhecimento linguístico que estuda os nomes próprios, pode ampliar o entendimento do aluno sobre este aspecto da linguagem tão presente em nosso cotidiano.

Para Biderman (1998), o poder das palavras, sobretudo a sua capacidade de apreensão do mundo por meio dela, é tão especial que em muitas sociedades, acredita-se que a ação das palavras sobre o meio fora o que permitira a sua ordenação. Assim, ao nomear as coisas do mundo, o ser humano vai dando organização à sua percepção sobre a realidade:

Em muitas religiões e culturas acredita-se que foi a linguagem que ordenou o caos primitivo transformando-o num cosmos significativo. Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primevo através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a constituir uma realidade dotada de poder. (BIDERMAN, 1998:81).

Ao ler a concepção de Biderman sobre o poder das palavras e ao relacioná-la ao fato de que nós seres humanos nos apropriamos e entendemos o mundo ao nosso redor por meio de algumas ações que se dão por meio da linguagem, entre as quais a nomeação de tudo que existe, é imprescindível notar a importância que há na sociedade a ação de dar nomes às coisas. Contrapondo ao que é posto nas gramáticas e livros didáticos, percebemos que pouca atenção é dada a esta ação de intervenção humana e organização social por meio desta capacidade linguística em detrimento de um estudo puramente classificatório das palavras que usamos em sociedade e que servem ao propósito de dar nomes a seres de modo geral.

Este artigo está organizado em três partes. Na primeira, tecemos breves comentários sobre a definição da Onomástica e sua divisão, além de explicações sobre a conceituação de substantivo para a gramática e a conceituação de nome próprio para a Onomástica. Na segunda parte, analisamos a forma como o substantivo próprio é apresentado nos livros didáticos do 6º ano das coleções aprovadas no PNLD 2019. Na sequência, dialogamos brevemente sobre as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de língua portuguesa em contraste com o observado nas obras em análise.

2. O nome da Onomástica e o substantivo na Gramática: encontros e desencontros

A Onomástica, de acordo com Vasconcelos (1931), é a ciência responsável pelo estudo dos nomes próprios. Ela está dividida, principalmente, em duas grandes áreas: A Toponímia, que estuda os nomes de lugares, como rios, cidades, povoados, assentamentos, ruas, estados, entre outros; e Antroponímia, que estuda os nomes de pessoas.

Em gramáticas e livros didáticos o substantivo é apresentado, com alguma variação, como a palavra que dá nome ao ser. Posteriormente, os mesmos manuais passam a dividir esta classe de palavra; e entre as ramificações encontramos os substantivos próprios: que nomeiam os seres de existência individual dentro de um conjunto. Percebemos então que há um encontro entre os propósitos dos estudos onomásticos e o estudo gramatical dos substantivos próprios. Contudo, queremos mostrar que os estudos da língua tendem a ganhar – ou mais especificamente falando, os educandos têm a ganhar – quanto aplicamos um pouco do conhecimento da Onomástica sobre o olhar tradicional gramatical presente nos livros didáticos.

Precisamos mencionar desde o princípio que a correlação entre o que se entende por nome próprio na Onomástica e substantivo próprio para as Gramáticas não é de igualdade de significados. A visão gramatical é mais limitada conceitualmente. Quando, por outro lado, falamos em Toponímia, por exemplo, como nos lembra Carvalhinhos:

Vale ressaltar que nem sempre que se considera um nome, em toponímia, pertence à classe gramatical substantivo, mesmo sendo substantivo o nome por excelência. O nome de lugar, segundo sua estrutura simples ou composta, pode apresentar várias combinações linguísticas, desde o substantivo simples acrescido ou não elementos sufixais (rio *Pinheiros*) até formas mais complexas, por exemplo, o primeiro nome do município paulista de *Socorro*:

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Rio do Peixe. Há, ainda, verdadeiros enunciados com a presença de categorias gramaticais como verbos e ainda assim são considerados nomes de lugares. É o caso dos municípios brasileiros Sai de Cima (Piauí), Valha-me Deus (Maranhão) e Há Mais Tempo (também no estado do Maranhão). (CARVALHINHOS, 2018:304-305)

Assim, procuraremos em nossa análise mostrar como o conceito de nome próprio para a Onomástica pode contribuir para ampliar o entendimento do educando sobre a língua portuguesa para além da noção de substantivo presente nas gramáticas e livros didáticos.

3. A gramática e os substantivos próprio: a velha questão conceitual

A distinção entre nome comum e próprio é algo que nasce com as gramáticas. Atribui-se a Dionísio da Trácia (séc. II-I a.C.), a primeira distinção entre esses tipos de nomes. Nas primeiras gramáticas de Língua Portuguesa escritas, esta clássica divisão também se apresentava. Na Grammatica da língua portuguesa, escrita em 1540, por João de Barros, encontramos:

Nome próprio ẽ aquelle que se nampóde attribuir a mais que a hũa só cousa, como este nome Lisboa, por ser próprio desta cidade, e namconvem a Roma: nẽ ô de Cęsar, a Cipiam, però se dissęrmos cidade, que ẽ geral nome a todas, entam será comũ. E por este nome hómẽ, assy entendo Cęsar e Cipiam, como todolos outros hómẽs. Assy que com razam diremos nome próprio ser aquelle per que entẽdemoshũa só cousa, e comũ pelo qual entẽdemos muitas da quellegęnero (BARROS, 1540:5).

A tradição gramatical, dessa forma, preserva até a atualidade alguns conceitos e classificações, entre os quais a divisão entre nome próprio e nome comum. A gramática Houaiss da língua portuguesa, em sua mais recente edição (2021), nos diz a este respeito:

O substantivo é tradicionalmente identificado e definido como ‘palavra que dá nome aos seres em geral, reais ou imaginários’. Esta definição diz respeito à função designativa de um subconjunto dos substantivos, em particular os relativos a itens de existência autônoma, como as plantas, animais e utensílios, mas deixa de fora várias outras espécies de substantivos, como os que se referem a conceitos que abstraímos das situações e dos eventos. (AZEREDO, 2021:165)

A primeira coisa que nos chama a atenção nesta apresentação dos substantivos é a noção clássica de que “serve para nomear os seres”. Há, contudo, já nesta edição, um questionamento dessa conceituação, quando o autor ressalta “mas deixa de fora várias outras espécies de substantivos, como os que se referem a conceitos que abstraímos das situações e dos eventos”, afinal o tempo todo temos contato não apenas com “seres” que podem ser nomeados, mas com eventos que podemos nomear, com conceitos que podemos nomear, entre outras criações humanas.

Queremos ressaltar aqui que a própria definição de substantivo é falha. Quando o livro didático apresenta essa conceituação para o estudante, faz com que pense, de imediato, em conjuntos de palavras como “animais”, “objetos”, etc. Mais tarde, ao trabalhar com as divisões dos substantivos, é que a gramática e o livro didático passam a dizer que substantivos abstratos dão nomes a conceitos e ideias, esquecendo – ou pelo menos esperando que o aluno não lembre – que acabara de fixar que o substantivo serve para nomear os seres.

Para evitar tal desconforto, preferimos aqui levar em consideração que a língua é usada pela sociedade com diferentes finalidades comunicativas, entre as quais nomear as coisas do mundo (das quais nos interessa os nomes próprios). Se tratada dessa maneira, a percepção da importância do uso social da linguagem para a nomeação das coisas que circulam em sociedade é mais válida para o estudante do que supor que existe um conjunto de palavras que servem para nomear seres.

A forma como os livros didáticos apresentam o conceito de nome próprio nos leva a considerar duas reflexões. A primeira delas é a ideia gramatical de substantivo nomeando seres: ela implica entender que primeiro existem as palavras e depois os seres do mundo que são nomeados, quando na verdade primeiro há as coisas do mundo – uma invenção científica, por exemplo, e depois surge a palavra ou expressão que irá nomeá-la.

Conforme nos diz Ferrarezi Jr:

As necessidades de expressão da cultura encontram eco na língua, que é modificada pelos falantes toda vez que eles precisem expressar algo novo, ainda não expressado. Uma das formas de aumentar as possibilidades de expressão é criar palavras novas. É importante que os alunos saibam que têm esse direito de interferir na língua, criando novas palavras, novas formas de expressão de suas ideias. (FERRAREZI JR, 2008:60).

Se entendermos que há uma classe de palavra responsável pela nomeação das coisas do mundo, somos obrigados a pensar – ou pelo que lê o aluno pode ser levado à falsa conclusão – de que as coisas do mundo já existem e que as palavras já existem ou que mesmo surgindo algo novo, as palavras para nomeá-lo já existiam.

A segunda consideração é quanto ao fato de a gramática dizer que ‘substantivo é a palavra que dá nome ao ser’. Ela implica comunicar ao estudante que uma única palavra tem essa incumbência linguística. O resultado disso é que o aluno percebe em conjuntos

como “habitações”, “plantas”, “animais” a perfeita aplicação da conceituação de substantivo, porém, na sua convivência com a ação real, ou seja, o ser humano fazendo uso todo o tempo, esse uso da linguagem passa por ele de forma despercebida. Quando se depara com um lugar nomeado de forma composta (Rio dos Siris, por exemplo), o aluno que acredita que a palavra – no singular – que dá nome aos seres não irá notar que ali perto de sua residência um conjunto de palavras fez a mesma função que aquela apresentada para o substantivo. Conforme apresentamos anteriormente através da visão de Carvalhinhos (2011) acerca do fenômeno de nomeação de lugares e sua constituição linguística, percebemos que a apresentação do substantivo tal qual está exposto em gramáticas e livros didáticos por si só não dá conta do fenômeno de nomeação.

Dessa forma, *a priori* iremos, neste trabalho, tentar visualizar como a noção de substantivo próprio está sendo apresentada nos livros didáticos que estão em circulação neste momento nas escolas públicas do país, uma vez que nosso *corpus* de pesquisa é composto pelos capítulos das coleções apresentadas a estas escolas no PNLD do Ensino Fundamental II mais atual, o PNLD 2019. Posteriormente, buscaremos explicar como os conhecimentos da Onomástica podem agregar ao ensino dos nomes próprios nas escolas da rede pública de todo o país.

4. Substantivos próprios nos livros didáticos do PNLD 2019

Os livros didáticos escolhidos para esta análise pertencem às coleções que fizeram parte da escolha do livro didático do Programa PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) 2019, que fazem parte do ciclo 2020-2023. Para este ciclo, foram enviadas para as escolas públicas brasileiras, as coleções aprovadas no PNLD. Ao todo, foram cinco coleções de livros do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental enviadas às escolas. Notadamente, nestes livros, foram escolhidos para análise apenas os capítulos em que há foco no ensino é o estudo dos nomes próprios, lá apresentados como substantivos próprios. Os volumes nos quais esse conceito é trabalhado são, em todas as coleções, os exemplares do 6º ano.

4.1. Apresentação do Corpus e Metodologia

Para a edição 2019 do Programa Nacional do Livro Didático, foram enviadas às escolas públicas do país, para que professores fizessem suas escolhas, cinco coleções de livros didáticos. Conforme mencionamos acima, apenas no volume do 6º ano de cada

coleção, o conteúdo substantivo é trabalhado nessas obras. Os livros estudados neste artigo foram:

- Coleção 1 - Tecendo Linguagens Língua Portuguesa, 6º ano, editora IBEP (Aprovada no PNLD 2019);
- Coleção 2 – A Poema Português, 6º ano, editora do Brasil; (Aprovada no PNLD 2019);
- Coleção 3 – Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem, 6º ano, editora Moderna (Aprovada no PNLD 2019);
- Coleção 4 – Geração Alpha Língua Portuguesa, 6º ano, edições SM (Aprovada no PNLD 2019);
- Coleção 5 – Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 6º ano, editora Moderna (Aprovada no PNLD 2019).

Para cada livro analisado, descrevemos a forma como os conceitos de substantivo e substantivo próprio são apresentados nestas obras, levando em consideração o conceito apresentado, a forma de apresentação do mesmo e a exploração dos mesmos. Há considerações de como poderia ser aproveitado alguns conceitos básicos da onomástica para ampliar o entendimento dos alunos a respeito da função de nomear as coisas. Por fim, para cada obra, os dados analisados são sintetizados em uma tabela para uma melhor compreensão.

4.2. Análise da Coleção 1

O substantivo é estudado no volume 01 desta coleção destinado a estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. É apresentado um excerto de um texto e um exercício sobre ele: “a) que partes do corpo do menino são citadas nesses parágrafos? b) essas palavras que você encontrou dão nome a algo que existe no mundo real, por isso, podemos afirmar que são substantivos. Releia o texto e localize outros substantivos que nomeiam partes do corpo do menino” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018:21).

Após essa exposição, é apresentado um box no qual o conceito de substantivo é sintetizado: “substantivo é a palavra que nomeia seres, lugares, sensações, sentimentos, objetos e ações, entre outros elementos.” OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018:21).

Notemos aqui alguns pontos: i) a noção de substantivo está ampliada, além de nomear os seres, ela nomeia outras coisas; ii) o entendimento do aluno fica prejudicado uma vez que a noção de substantivo fora apresentada em um fragmento de texto no qual há palavras que nomeiam partes do corpo humanos, ou seja, não nomeiam seres, não nomeiam lugares, não nomeiam sensações, não nomeiam sentimentos, não nomeiam objetos, nem ações. Cabe ao aluno entender que “partes do corpo humano” está inserido

em um conjunto maior nomeado pelos substantivos e apresentado aqui como “nomeiam outros elementos”; (iii) novamente é apresentada a noção no singular “substantivo é a palavra...”, o que limita a compreensão do aluno sobre o fenômeno da nomeação das coisas do mundo, principalmente porque é preciso que o estudante entenda que o mundo não foi criado e cada coisa já tenha seu nome. É preciso – e será mais eficiente – que o aluno perceba que a todo o momento estamos fazendo uso dessa capacidade da língua e que, em grande parte das vezes, fazemos uso de um conjunto de palavras para nomear uma coisa e não somente uma única palavra.

Na sequência do livro, há um novo box que apresenta a diferença entre substantivos comuns e próprios: “Substantivos próprios nomeiam um ser específico, destacando-o dentro de determinado grupo, e são sempre escritos com letra inicial maiúscula. Exemplos: Brasil, Marta, Ceará.” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018:21).

O livro didático perde a oportunidade de apresentar a vivacidade da língua para o aluno. A noção de substantivo próprio não está equivocada, salvo alguns detalhes omitidos do aluno, como por exemplo, o fato de que muitos nomes próprios são formados por mais de uma palavra. Poderia levar o aluno a perceber, a título de ilustração, que seu próprio nome do aluno é formado por pelo menos duas palavras: um nome e um sobrenome. Essa reflexão pode ser ampliada quando levamos em consideração os conceitos da onomástica. Poder-se-ia despertar no aluno uma curiosidade acerca dos motivos que levaram seus pais a dar-lhe este e não outro nome. Levar esse tipo de investigação para as aulas de língua portuguesa é despertar no estudante a curiosidade pela nomeação das coisas do mundo, em especial os nomes próprios. Trabalhar na sala de aula com a onomástica, ainda que em uma turma de 6º ano, ajuda o aluno a compreender o mundo ao seu redor e seria mais produtivo do que acreditar que as palavras estão guardadas nos dicionários e são resguardadas apenas para um único fim.

Em síntese, tudo que encontramos nesse volume 1 desta coleção está exposto na tabela abaixo:

Tabela 01

Coleção 1 , 6º ano, Tecendo a Linguagem Língua portuguesa – editora IBEP		
Conceito apresentado	Forma de apresentação	Exploração do Conceito
substantivo é a palavra que nomeia seres, lugares, sensações, sentimentos, objetos e ações, entre outros elementos	Em um box (caixa de texto)	Em um exercício anterior para localização de palavras em um fragmento de texto: a) que partes do corpo do menino são citadas nesses parágrafos?

		b) essas palavras que você encontrou dão nome a algo que existe no mundo real, por isso, podemos afirmar que são substantivos. Releia o texto e localize outros substantivos que nomeiam partes do corpo do menino.
Substantivos próprios nomeiam um ser específico, destacando-o dentro de determinado grupo, e são sempre escritos com letra inicial maiúscula.	Em um box (caixa de texto)	São apresentados exemplos: Brasil, Marta, Ceará.

Fonte: elaboração própria

4.3. Análise da Coleção 02

No volume 1 desta coleção, a noção de substantivo apresenta-se em um box, separado, portanto, do corpo do texto do assunto apresentado ao aluno: “Para falar de seres e objetos, bem como de sentimentos, estados e lugares, usamos palavras que pertencem ao grupo dos substantivos. Assim, tanto cão quanto herói são exemplos de substantivos.” (TEIXEIRA, SOUSA, FARIA & PATRESSI, 2018:63)

Nesta coleção, assim como na coleção anterior, a noção de substantivo vai além do que se entende por seres – se é que algum dia uma gramática ou um livro didático já definiu o que eles entendem por seres, a apresentação de substantivo não cita a função de nomear qualquer coisa. Quando apresenta o substantivo próprio, os autores do livro afirmam: “Os substantivos próprios particularizam ou individualizam o nome dos seres ou de lugares. São grafados com a letra inicial maiúscula, como Ice, Mariana, Minas Gerais.” (TEIXEIRA, et al, 2018:66)

É uma mudança sutil, o tom da apresentação do substantivo próprio entre esta coleção e a anterior. Porém, não deixa de ser uma mudança significativa. Primeiro, porque o espaço dado, tanto na coleção 01 como na coleção 02 ao estudo do substantivo e do nome próprio mostra que não há interesse em explorar com os alunos a capacidade humana de nomear as coisas do mundo, uma vez que o espaço reservado ao estudo é minúsculo, além de reservado à tarefa de levar o aluno a identificação de palavras que se encaixem no conjunto substantivo. Em segundo lugar, porque a escolha da expressão “para falar de” em detrimento da palavra “nomear” revela que este uso da linguagem não merece tanta atenção por parte dos autores do material didático.

De forma resumida, o que encontramos no volume 1 desta segunda coleção pode ser resumido na seguinte tabela:

Tabela 02

Coleção 2 , 6º ano, Apoema Língua Portuguesa – editora do Brasil		
Conceito apresentado	Forma de apresentação	Exploração do Conceito
Para falar de seres e objetos, bem como de sentimentos, estados e lugares, usamos palavras que pertencem ao grupo dos substantivos.	Em um box (caixa de texto)	São apresentados exemplos: assim, tanto cão quanto herói são exemplos de substantivos.
Os substantivos próprios particularizam ou individualizam o nome dos seres ou de lugares. São grafados com a letra inicial maiúscula, como Ice, Mariana, Minas Gerais.	Em um box (caixa de texto)	São apresentados exemplos: como Ice, Mariana, Minas Gerais.

Fonte: elaboração própria

4.4. Análise da Coleção 03

Nesta coleção, no volume analisado (6º ano), o conceito de substantivo aparece na página 121, na seção “Mais da Língua” como “palavra que é usada para nomear pessoas, lugares e sentimentos”. (ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018: 121). Na página seguinte, este conceito é ampliado em um box: “substantivos nomeiam seres, objetos, lugares, instituições, ações, sentimentos, estados e conceitos.” (ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018: 122). Há ainda outra apresentação de substantivo na mesma página: “Para falar desse anúncio publicitário, usamos palavras que nomeiam seres e objetos: meninos, meninas, homens, mulheres, carrinho, boneca, doce e livros. Essas palavras são substantivos”. (ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018: 122). Na página 123, aparece o conceito de substantivo próprio “dá nome a um indivíduo específico” (ORMUNDO & SINISCALCHI, 2018: 123).

Há, aqui, duas observações a serem feitas: (i) a palavra “instituição” que aparece no conceito de substantivo pode levar o aluno a pensar que ORFANATO MENINO JESUS, por exemplo, trata-se de um grupo de palavras usadas para nomear um lugar ou pode levar o aluno a pensar somente na palavra ORFANATO. Talvez, a melhor apresentação seria “dar nome a estabelecimentos e instituições”; (ii) quando o conceito é ampliado, embora a dúvida anterior tenha sido sanada, observa-se que a denominação de substantivo próprio é bastante limitada: “indivíduo específico”. Percebe-se, portanto, que existem limitações para a apresentação e o entendimento sobre a noção de nomes próprios pela própria limitação gramatical do termo, bem como pela opção dos autores dos livros didáticos em não utilizar contribuições importantes da área da onomástica da língua portuguesa, como despertar no aluno o interesse pela pesquisa da motivação da nomeação própria, perceber relações culturais e sociais que estão envolta na escolha de uma

denominação de lugar ou de pessoa, além de fazer o educando perceber o papel ativo do sujeito no uso concreto da língua.

Mesmo uma gramática descritiva do Português não consegue envolver na denominação de substantivo todas as propriedades linguísticas do ato de nomeação. Castilho (2010), a este respeito, salienta:

As gramáticas descritivas da língua portuguesa ampliam um pouco a visão tradicional, mas não chegam a se debruçar sobre as propriedades específicas dos nomes próprios. Recorre-se à diferença entre denotação e conotação, apontando para o fato de que o substantivo comum denotaria e conotaria, ao passo que o substantivo próprio apenas denotaria. (CASTILHO, 2010:468)

Em linhas gerais, podemos resumir a forma como o nome próprio é apresentado neste volume 1 desta coleção na seguinte tabela:

Tabela 03

Coleção 3 , 6º ano, Apoema Língua Portuguesa – editora do Brasil		
Conceito apresentado	Forma de apresentação	Exploração do Conceito
1) Palavra que é usada para nomear pessoas, lugares e sentimentos. 2) Para falar desse anúncio publicitário, usamos palavras que nomeiam seres e objetos.	Em seção própria (Mais da Língua”.	São apresentados exemplos: meninos, meninas, homens, mulheres, carrinho, boneca, doce e livros. Essas palavras são substantivos
Substantivos nomeiam seres, objetos, lugares, instituições, ações, sentimentos, estados e conceitos.	Em um box(caixa de texto), na página seguinte.	Não há exemplos.

Fonte: elaboração própria

4.5.Análise da Coleção 04

Nesta coleção, no volume analisado, o conceito de substantivo aparece em um box, na página 82 da seguinte forma: “são palavras que nomeiam seres, lugares, instituições, ações, ideias, qualidades, sensações e sentimentos, reais ou imaginários”. (COSTA & MARCHETTI, 2018: 82) Há um exercício que antecede a definição, no qual há uma tirinha para ser analisada sem qualquer ligação com a ideia de substantivo.

Já a noção de substantivo próprio aparece na página seguinte, em novo box, dessa forma: “substantivo próprio dá nome a seres ou outros elementos em particular. São iniciados por letra maiúscula.” (COSTA & MARCHETTI, 2018: 83). Novamente, há um exercício que pede a análise de uma tirinha, mas no qual não há qualquer aplicabilidade da distinção entre nome comum e próprio.

Notemos mais uma vez que é preciso um poder de compreensão muito grande por parte do estudante para perceber a aplicabilidade, entre as coisas existentes no mundo, quais fazem parte de cada subconjunto dos substantivos descrita pelos conceitos acima. É exigido poder maior do que realmente encontramos em estudantes desta idade escolar. Voltamos a ressaltar como a onomástica pode resolver este problema conceitual: os nomes são aqueles, palavras ou conjuntos de palavras, que servem para dar nomes a tudo que existe. Embora, a onomástica se reserve ao estudo do nome próprio, se acrescentado ao estudo dos substantivos próprios algumas considerações dessa ciência de estudo do léxico, como a motivação na nomeação dos nomes próprios, estes conhecimentos ampliariam o conhecimento do aluno sobre a língua portuguesa e sobre as possibilidades linguísticas do idioma.

A tabela com a síntese da apresentação do conceito de substantivo neste livro fica resumida assim:

Tabela 04

Coleção 4 , 6º ano, Geração Alpha Língua Portuguesa – edições SM		
Conceito apresentado	Forma de apresentação	Exploração do Conceito
São palavras que nomeiam seres, lugares, instituições, ações, ideias, qualidades, sensações e sentimentos, reais ou imaginários	Em um box (caixa de texto)	Sem exemplificação e com apresentação de uma tirinha que o antecede, sem qualquer exploração da noção que seria apresentada.
Substantivo próprio dá nome a seres ou outros elementos em particular. São iniciados por letra maiúscula	Em um box (caixa de texto)	Sem exemplificação e com apresentação de uma tirinha que o antecede, sem qualquer exploração da noção que seria apresentada.

Fonte: elaboração própria

4.6. Análise da Coleção 05

No livro analisado desta coleção, a noção de palavras usadas para “dar nome às coisas” (BALTHASAR & GOULART, 2018: 195) só é apresentada na página 195, em meio a um texto expositivo que discorre sobre as classes de palavras, e embora apresente a noção mais próxima da realidade de uso dos nomes, a noção é apresentada rapidamente em um exercício que busca separar as palavras em grupos e nada a mais é abordado ao seu respeito. Apenas na página 252, em um box, a questão é retomada. Aqui, a noção de substantivo próprio é apresentada: “se referem a um ser específico” (BALTHASAR & GOULART, 2018: 252) Há alguns exercícios que se seguem sobre os substantivos em textos, mas nenhum que foque em nomes próprios, muito menos por nomes próprios formados por mais de uma palavra. Levando-se em consideração o espaço entre a

primeira noção de substantivo, na página 195 e sua retomada na página 252 não é de esperar que o aluno faça a ligação entre a primeira noção de “nomear as coisas” (BALTHASAR & GOULART, 2018: 195) com esta segunda vez em que uma definição para substantivos aparece.

Em resumo, temos a apresentação da noção de substantivo nesta obra:

Tabela 05

Coleção 5, 6º ano, Singular e Plural Língua Portuguesa – editora Moderna		
Conceito apresentado	Forma de apresentação	Exploração do Conceito
Palavras usadas para “dar nome às coisas”	Corpo do texto sobre as classes de palavras.	Há alguns exercícios que se seguem sobre os substantivos em textos, mas nenhum que foque em nomes próprios, muito menos por nomes próprios formados por mais de uma palavra
A noção de substantivo próprio é apresentada: “se referem a um ser específico”	Em um box (caixa de texto).	Sem exemplificações.

Fonte: elaboração própria

5. Contribuições da Onomástica para o ensino de língua portuguesa.

Encontramos nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa, documento norteador publicado pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Especial de Educação Básica [MEC & SEB] (1998), a seguinte orientação para a forma como o ensino na área de linguagem seja ofertado:

É função da escola oferecer ao aluno, a partir de práticas didático-pedagógicas adequadas, subsídios (instrumentalização teóricas e práticas) para o efetivo exercício da cidadania, ou seja, viver e compreender de forma crítica seu tempo, nas diversas situações sócio-culturais. (MEC & SEB, 1998:21)

Dessa forma, causa estranhamento, a forma como na atualidade a ideia de substantivo e mais especificamente de substantivo próprio é apresentada em livros didáticos que estão em circulação nas salas de aulas espalhadas pelo país.

Esses mesmos documentos oferecem uma série de discussões a respeito dos conteúdos, métodos e práticas relativos ao ensino de língua materna e propõem uma mudança de foco: do excesso de regras e do tradicionalismo estrutural e classificativo para uma abordagem de práticas discursivas. Assim, acreditamos que o ensino que vise apenas levar o aluno a reconhecer palavras que podem se encaixar em uma classificação não reflete a orientação encontrada neste documento. Com outro documento norteador da educação, de edição mais recente, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), publicado pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Especial de Educação Básica

[MEC & SEB] (2018), o que observamos é justamente uma postura de ampliação do foco encontrado no documento anterior, mas de forma a contemplar a visão contemporânea multissemiótica da língua. Não há orientação de retorno de foco para uma postura classificatória. Porém, a abordagem dos livros didáticos ainda diverge do esperado do ensino de língua materna no país.

Explicitamos ao longo das análises, e mesmo nas considerações anteriores, formas pelas quais os estudos onomásticos podem contribuir para dar maior significado ao estudo dos nomes próprios. Além do exposto, há sempre a possibilidade de se trabalhar com projetos. A metodologia de trabalho com projetos pode levar a onomástica para a sala de aula com tarefas simples, que não exigem do aluno nem do professor um conhecimento profundo da área.

Como vimos, o substantivo próprio é apresentado ao aluno no 6º ano. O aluno chega a esta etapa do ensino fundamental com 11 anos. Nesta idade, o aluno já pode refletir sobre como o nome de um irmão pode ser influenciado ou revelar algo sobre a religião dos pais, paixão por alguma coisa, afeto com entre queridos falecidos, entre outras muitas possibilidades. Aguçar esse tipo de curiosidade é muito importante para abri-lhe a possibilidades de reflexões diversas por meio da língua. Assim, os usos do idioma serão melhor compreendidos pelo estudante, pois o conhecimento sobre a língua estaria sendo trabalhado pragmaticamente e, conseqüentemente, sua capacidade de leitura do mundo será ampliada.

As raízes de um estudo que privilegia o ensino de gramática no país encontram-se na cultura da escola do Brasil. Sobre esta questão, Sônia Maria Nogueira e José Everaldo Nogueira contextualizam:

A denominação de disciplina escolar “Português” ou “Língua Portuguesa” só passou a existir nas últimas décadas do século XIX, em virtude de a língua ter sido estudada na escola sob a forma das disciplinas Gramática, Retórica e Poética. Mesmo assim, a disciplina “Português” continuou sendo, basicamente, o estudo da gramática da língua e leitura, para compreensão e imitação de autores portugueses e brasileiros. (NOGUEIRA; NOGUEIRA JR, 2006: 17).

Duzentos anos depois, ainda temos respingos de uma cultura anterior em nossas escolas e no fazer didático. Contudo, continuar, em pleno século XXI, a ver as palavras apenas como adereços que servem para classificar é algo inconcebível. Há razões de ser para estudiosos de gramática, mas não para estudantes de Língua Portuguesa. Voltamos a dizer, há bastante tempo que a chamada *Cadeira de Gramática* já não existe.

Por fim, fechemos nossa reflexão com mais uma consideração a cerca da tradição gramatical no Brasil:

Herdamos a ênfase nas terminologias gramaticais dos países europeus de cultura latina. Ela chegou aos trópicos na bagagem dos jesuítas, empenhados em ministrar aos brasileiros as aulas régias de gramática Greco-latina. Mantida a tradição, a nomenclatura gramatical acabou por ser objeto de texto legislativo, com a edição da portaria nº 36 do Ministério da Educação, de 28 de janeiro de 1959, que instituiu a NGB. (BORTONI-RICARDO, *apud* HENRIQUES, 2009:120)

Percebe-se, pela recontextualização trazida que há tempos se instalou no Brasil um ensino de Língua Portuguesa mascarada como ensino de gramática. Todavia, a análise das obras aprovadas pelo PNLD 2019, que estão disponíveis nas escolas públicas que fizeram a opção por uma delas, quanto ao estudo dos substantivos próprios nos revela que mesmo na atualidade, pelo menos quanto ao ensino das classes de palavras – ou pelo menos quanto ao ensino dos substantivos – ainda predomina um ensino com vista a desenvolver nos alunos o reconhecimento e classificação dos diversos tipos de substantivos, embora use para tais conceitos vagos, em detrimento de um ensino que tenha a finalidade de levar o aluno a perceber a língua em uso na função de denominar as coisas do mundo (das quais nos interessou aqui refletir a denominação dos nomes próprios).

Entretanto, é preciso entender que não há mais a disciplina de gramática nas escolas, há a disciplina de língua portuguesa. Quando encontramos os conteúdos gramaticais sendo trabalhados de forma tão tradicional em seções como “língua em uso” é de nos fazer pensar que há algo pelo menos fora de lugar entre o que se pretende e o que de fato se verifica nos manuais didáticos que chegam às escolas para que os professores façam a escolha de uso. Por isso, a nossa proposta apresentada aqui versou sobre a importância da inserção da ideia de onomástica sobre nome próprio para complementar a ideia gramatical de substantivo, para que dessa forma haja uma maior aproximação entre as orientações de documentos como os PCNs e a BNCC (MEC & SEB, 1998, 2018) e o que realmente é apresentado aos alunos das escolas públicas.

Recebido 28/04/2022

Aceito em 31/05/2022

Publicado em *ahead of print* 31/05/2022

Referências Bibliográficas

AMARAL, E. T & SEIDE, M. S. (2020). *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo, SP: Blucher.

AZEREDO, J. C. (2021). *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo, SP: Parábola editorial.

BALTHASAR, M & GOULART, S. (2018). *Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*. São Paulo, SP: Moderna.

BARROS, João de. (1540). *Grammatica da lingua portuguesa*. [Versão digital] Recuperado de: <http://purl.pt/12148>.

BIDERMAN, M. T. C. (1998). Dimensões da palavra. *Filologia e linguística portuguesa*, 2, 81-118.

CARVALHINHOS, P. J. (2011). Aplicações da teoria dos signos na Onomástica. *Língua e Literatura*, 27, 299-309.

CASTILHO, A. T. (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, SP: Contexto.

COSTA, C.L. & MARCHETTI, G. (2018). *Geração Alpha: língua portuguesa*. São Paulo, SP: edições SM.

FERRAREZI, C. Jr. (2008). *Semântica para a educação básica*. São Paulo, SP: Parábola editorial.

HENRIQUES, C. C. (2009). *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois*. São Paulo, SP: Parábola editorial.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília, DF: Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Recuperado de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

NOGUEIRA, S. M; NOGUEIRA, J. E. Jr. (2006). Gramática e ensino de português no Maranhão do século XIX: Gramática elementar da língua portuguesa, de Filipe Benicio de Oliveira Condurú. In: N. B. , BASTOS & D.V., PALMA. (Orgs.), *História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. (1ª. ed., Cap. 1, p. 17). Rio de Janeiro, RJ: Lucerna.

OLIVEIRA, T.A.&ARAÚJO, L.A.M. (2018). *Tecendo linguagens: língua portuguesa. Barueri*, SP:Ibep.

ORMUNDO, W & SINISCALCHI,C. (2018). *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*. São Paulo, SP: Moderna.

TEIXEIRA, L., SOUSA, S.M.,FARIA,K.&PATTRESI, N. (2018). *Apoema: português*. São Paulo, SP: editora do Brasil.

VASCONCELOS, J. L. (1931) *Opúsculos: Onomatologia*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade.